

PARA A HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA DA CIDADE

A Tragédia de 27 de Fevereiro de 1892

INTRODUÇÃO

Fez ontem 93 anos que se registou a maior tragédia marítima na Póvoa: 105 vidas foram tragadas pelo mar! O «nosso» pescador recorda ainda essa data com um sentimento religioso de profundo pesar. Muitos dos seus pereceram nessa hedionda catástrofe.

Desde essa data e todos os anos, na igreja da Lapa, o *Quadro da Súplica* é exposto aos fiéis e rezada uma missa em memória das víti-

por José de Azevedo

mas do naufrágio. Muitos são aí os olhos embaciados. A desgraça não só cobriu de luto a Póvoa como a Afurada, local ribeirinho de Gaia, lançando na mais completa miséria inúmeras famílias.

Foi num sábado igual a tantos outros de Fevereiro. Um norte bonançoso varria a costa. Tempo de feição para uma boa pescaria. Lanchas, sardinheiros e rasqueiros, barcos à vela e remos, de boca aberta, frágeis embarcações, sem recursos de emergência em dias de tempestade. Mestres e camaradas há muito *fechados* num rigoroso Inverno. À primeira réstia de sol, de Afurada, Viana, Matosinhos, Esposende, Caxinas e Póvoa, as velas partiram em busca duma esperança acalentadora.

A Póvoa de Varzim, nesse ano, estimava a sua frota pesqueira em 577 barcos e 1970 pescadores. Pesca artesanal, duma pobreza técnica confrangedora. A classe piscatória vivia em condições deploráveis de higiene e alimentação. Sem porto de abrigo, a pesca na Póvoa era perigosa aventura quotidiana agravada pelo baixo preço e sujeita ao jogo dos *regateiros* de ocasião.

Sem que ninguém previsse, pela madrugada, acompanhado duma neblina espessa, o mar encape-

lou-se assustadoramente fustigado por temorar repentino. O sibilar do vento abafava-se no roncar das vagas alterosas que mergulhavam no seu poiso as embarcações encalhadas no areal. Era o prelúdio duma catástrofe sem paralelo. As ondas surgiam como montanhas na barra poveira impelidas por forte vendaval (1).

Não há testemunhas vivas dessa horrenda tragédia. As «histórias» que se contam ou são transmitidas de pais a filhos, como previsão trágica da vida do pescador, ou bebidas na imprensa da época, travada no rigor do pormenor por natural falta de meios e de técnica.

Porque reputamos de grande interesse para a história trágico-marítima da cidade, iremos reproduzir, a partir deste número, a correspondência «oficial» do então Chefe da Delegação Marítima da Póvoa, Comandante da Secção Fiscal, Alferes António Amaral Pinto da Cruz (2), enviada ao

Chefe do Departamento Marítimo do Norte e outras repartições de Marinha. Documentos (inéditos) que se podem considerar de «históricos» pela sua autenticidade e pelo realismo transcrito por uma «autoridade» que viveu intensamente aqueles momentos de verdadeira angústia e autêntico dramatismo para o povo da Póvoa de Varzim.

Registe-se ainda o recorte literário do Alferes António Pinto da Cruz que tentou transmitir aos seus superiores, em prosa de excelente qualidade e no mais perfeito estilo jornalístico, o acontecimento tal como foi vivido não só por si e pelos seus subordinados como pela classe piscatória, como ainda pelo povo e «responsáveis» locais.

ALERTA GERAL

Dia 28 de Fevereiro de 1892. Telegrama urgente da Delegação Marítima da Póvoa para o Departamento Marítimo do Norte (Porto).

«Muitos Barcos pesca da Pó-



Gravura da «Revista Ilustrada de Portugal e Estrangeiro» OCIDENTE de 11/3/1892 a ilustrar o naufrágio da Póvoa



Ilustração de um artigo assinado por Manuel Maria Rodrigues na revista «Ocidente» de 11/3/1892 sobre os «Naufrágios na Póvoa de Varzim».

voa e Valbom quebraram nos rochedos junto à praia. Outros seguem perdidos Norte. Há mais de 100 mortos. Salva-vidas impossível sair por causa mar praia e costa».

CRUZ, alferes

A TRAGÉDIA

«E sob a maior das impressões que os meus sentidos experimentaram aos 29 anos, que sou forçado a cumprir o dever de oficial, fazendo constar a V. Ex.^a o sucedido nesta praia em 27 do corrente. Simplesmente horrível, o que a meus olhos se passou! Amanheceu o dia 27, apresentando-se o mar tão encapelado, tão medonhamente revoltado, que, alguns pescadores (já velhos, que por acaso ficaram em terra, declararam não haver em sua vida notícia de uma tão monstruosa tormenta. Quis o acaso apresentar aparentemente com o dia 26 do corrente; e, como tal sucedeu a umas semanas de falta de peixe e (o que exprime entre a classe piscatória a fome por falta de recursos) largaram ao mar proximalmente 62 lanchas das pescadas tripuladas por 20 a 25 homens cada uma. Quando tentavam regressar a terra foi-lhe isso negado pelo mar, que nem lhes permitiu irem abrigar-se em Leixões (o único abrigo desta gente). Eis as lanchas correndo ao longo da costa sob a influência rija dum impetuoso vento de travessia que lhes roubou lemes, quebrou mastros e os lançou a mercê devoradora do mar revoltado!

Perdidos, sem governo possível, passaram bastantes lanchas próximas da terra, acenando em sinais de socorro e misericórdia; em terra, eram observados por suas famílias em lances dolorosíssimos! Chamei à minha presença o mestre dos salva-vidas, esse homem nomeado pela acumulação da vontade de todos os pescadores, que vêem nele a sua esperança quando lutam junto à barra; perguntei-lhe que socorros poderíamos prestar aos barcos que passaram, e ele, esse lobo do mar, com os olhos rasos de água reconheceu a sua impotência perante a Divina e limitou-se a dizer: Morre tudo quanto temos visto; qualquer socorro tentado exprime a morte imediata de quem a ele se arrojar, sem utilidade alguma! Assim tem sucedido.

Dos poucos barcos, que sem governo, foram impelidos para as praias da Póvoa vimos morrer para cima de 100 homens sem que lhes pudesse valer alguém! Não se descreve o horrível desta cena, porque além do tétrico espectáculo oferecido já por si, juntava o choro dolorosíssimo sentido das famílias, que na praia em cada fragmento do barco, em qualquer peça de roupa arrojada à praia, via uma relíquia daqueles que eram seus pais, irmãos e amigos, mortos próximos a

terra sem salvação possível! Poucos foram os indivíduos salvos; e esses felizes que o acaso aproximou com vida mais próximos a terra ainda puderam ser socorridos por meio das coroas de salvação e pela dedicada coragem de alguns indivíduos que se expuseram, para as pouparem à morte.

Mais uma vez tive ocasião de apreciar a mesquinhez dos elementos de salvação que existem nesta praia: de que valem dois barcos salva-vidas quando haja de socorrer 300 barcos, guarnecidos por 3.800 homens? Certamente para os enganarem, induzindo-os a um perigo eminente, aparentando-lhes um auxílio que realmente por isso não podem prestar. Para praias bravas como esta, onde andam em continuo movimento para cima de 3.800 homens que se empregam diariamente nas pescas, a não ser que se complete o material de salvamento com cordas de valvém, foguetões de salvação e outros artificios hoje reconhecidos como indispensáveis para este serviço, não vejo como se possa com probabilidade assegurar ainda aos que têm de ir ao mar buscar o alimento para as suas famílias e que não pouco deixam todos os anos ao Estado.

Verdade é que bastante se tem obtido do governo em favor desta desventurada classe, mercê da persistente boa vontade com que V. Ex.^a se houve em o conseguir. Porém, lembrava-me de propor a V. Ex.^a para se conseguir mais uma só causa a favor do serviço de salvação: uma portaria, ou qualquer ordem superior, que obrigue a Real Irmandade de N.^a S.^a da Assunção, desta vila, a fazer aquisição do material indispensável para o serviço de salvamento nesta enseada, uma vez que essa Irmandade é a arca onde convergem os avultados óbolos com que anualmente todos os pescadores contribuem, dos quais só vêem mais tarde, foguetes, toques de sino, luminárias e bandeiras, se bem que a isto se não limitam as disposições expressas nos estatutos dessa Irmandade, que se criou sem dúvida para fins mais altruístas.

Eis quanto me cumpre expor a V. Ex.^a na qualidade de delegado marítimo nesta localidade.»

ANTÓNIO CRUZ, alferes

(Nota N.^o 10, de 28/2/1892 dirigida do chefe do Departamento Marítimo do Norte).

TELEGRAMAS URGENTES

Capitão Porto Viana Castelo — Faltam conhecimento de 30 lanchas. (28.2.1892)

Departamento Marítimo do Norte — Nada posso dizer a mais do meu telegrama de hoje... faltam 30 lanchas da Póvoa. (28.2.1892)

Delegação Marítima, Esposende — Quantos barcos Póvoa estão aí? (28.2.92)

Capitão Porto Caminha — está aí alguma lancha da Póvoa? (28.2.1892)

AO DEPARTAMENTO MARÍTIMO DO NORTE

Segundo as informações colhidas aqui faltam-me ainda 31 barcos de pesca entre os quais há bastantes lanchas tripuladas cada uma por 20 a 25 homens. Ando a colher as informações indispensáveis para as relatar a V. Ex.^a por completo, porém, não poderei fazê-lo nestes dias mais próximos porque o apuramento está por enquanto muito difícil. Dos barcos alheios a este distrito marítimo, há três da Afurada quebrados no fundo do mar. Dos restantes que foram mais quatro e dos três acima mencionados salvaram-se 14 homens, um dos quais já faleceu hoje em terra. O resto morreu tudo bem próximo da praia, sem haver possibilidade em os poder salvar.

A agitação do mar aqui foi tão extraordinária que não foi possível empregar os salva-vidas. Trabalhou-se com o coração no salvamento e assim se puderam salvar alguns. Há actos dignos de menção, porém aguardo informações testemunhadas para relatar depois.

A. CRUZ

TELEGRAMA URGENTE

Chefe do Departamento: notícias de Espanha salvas 11 lanchas Póvoa — 4 que não sabem onde pertencem — 1 Afurada. Tem aparecido notícia quase todos barcos julgados perdidos, porém não posso afirmar, não faltar algum. Começam arrastar cadáveres praia.

CRUZ, alferes

ALGUNS ACTOS HERÓICOS

O serviço nas praias ao Norte e Sul desta vila tanto de salvamento como de polícia e guarda de arrojos tem sido feito com a máxima regularidade por a força fiscal a meu cargo reforçada por 4 soldados de cavalaria, por todos os cabos de polícia da localidade e por a corporação dos bombeiros voluntários desta vila que se apresentou para me auxiliar.

São dignos de todos os louvores todas estas corporações que quer de dia, quer de noite, se revezam num serviço contínuo e activo.

Da Casa da Misericórdia desta vila e da Câmara Municipal foram fornecidas, macas e lençóis e carregadores para transporte de cadáveres.

É horrível o que se passa nesta praia, devido à chegada de gente da Afurada que vem em procura dos seus. Tenho-lhes distribuído as roupas e todos salvados pertencentes a cada um. Ando em constante pesquisa de elementos verdadeiros para relatar com a devida consciência, o ocorrido. Não o farei nestes dois dias mais próximos em que tenho de atender a tanta coisa que se me torna impossível fazê-lo.

Mandei chamar à minha presença o mestre Salvador Francisco Moita com a sua companhia para esclarecerem a dúvida acerca dos que têm jus à medalha. Ouvidos todos, verifiquei que efectivamente o pescador Luís Francisco Neves, morreu; que outro pescador da sua tripulação (barco 119 Salvador Francisco Moita), José Pereira Basílio, que se considerou perdido, apareceu mais tarde em Matosinhos, salvo por uma lancha daquele porto.

Concluindo direi que a companhia salva com jus à medalha é a seguinte: Salvador Francisco Moita, António Francisco Moita, João Francisco Moita, José Francisco Neves, António Francisco Neves e José Pereira Basílio, mais Moisés Pereira Marques que é alheio a esta companhia. Faltam portanto os prémios para António Francisco Neves, e para José Pereira Basílio, agora o engano de Augusto por António Francisco Moita.

ANTÓNIO CRUZ, alferes

(continua)

(1) In «A Póvoa de Varzim — A Terra e o mar» — José de Azevedo.

(2) O Alferes da Guarda Fiscal António Amal Pinto da Cruz, ao mesmo tempo chefe da Delegação Marítima da Póvoa e Comandante da Secção Fiscal, tomou posse de Delegado Marítimo em 23 de Setembro de 1890.

Até essa data, a Delegação estava a ser chefiada pelo 1.^o sargento da Guarda Fiscal, José d'Azevedo Canário.